

## ***O Caboclo Eduardo e a Festa do 7 de Janeiro em Itaparica, Bahia***

Milton Moura<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v9i27.32527>

Resumo: Busca-se reconstituir o perfil histórico do Caboclo Eduardo, fundador do grupo Os Guarany's, que desde 1939 vem participando da Festa de Independência de Itaparica, na Baía de Todos os Santos, aí desempenhando um papel singular. O artigo se desenvolve cotejando os relatos sobre as apresentações dos Guarany's em diversos momentos e os testemunhos que os idosos aportam sobre seu papel relevante na formação do grupo e na configuração do auto que se tornou, nestes quase oitenta anos, um dos elementos centrais da comemoração da independência em Itaparica. A reflexão toma como uma chave metodológica a pergunta pela diferença que fez e vem fazendo a criação do Caboclo Eduardo no universo das festividades e da cultura locais, contextualizando este processo no universo das comemorações da independência na Bahia. Palavras-chave: Caboclo, Mestiço, Baía de Todos os Santos, Itaparica, Cultura Popular.

### **Caboclo Eduardo and the Party of January 7th in Itaparica, Bahia**

Abstract: The paper aims to reconstruct the historical profile of Caboclo Eduardo, founder of The Guarany's, a group that since 1939 has played a singular role in the commemorations of Independence Day in the Island of Itaparica, at the All Saints Bay. The paper collates accounts of the group's presentations at different periods as well as narratives produced by elderly people on the formation of The Guarany's and on the play, that during the last 80 years became one the main elements of the commemorations of Independence in Itaparica. From a methodological standpoint, the paper inquires on the difference that the creations of Caboclo Eduardo have made and still make on local culture, placing these creations in the context of the commemorations of Independence held in the state of Bahia.

Keywords: Caboclo, Creole, All Saints Bay, Itaparica, Popular Culture.

### **El Caboclo Eduardo y la Fiesta de 7 de Enero en Itaparica, Bahia**

Resumen: Se busca reconstituir el perfil histórico del Caboclo Eduardo, fundador del grupo Los Guarany's, que desde 1939 ha participado de la Fiesta de la Independencia de Itaparica, en la Bahía de Todos los Santos, jugando ahí un papel único. El artículo se desarrolla mediante el cotejamiento de informes sobre actuaciones de Los Guarany's en varias ocasiones y los testimonios que muestran los ancianos acerca de su papel en la formación del grupo y en la configuración del escenario festivo que se convirtió, en estos casi 80 años, uno de los elementos centrales de la

---

1 Professor de História da Universidade Federal da Bahia. Sua temática principal de pesquisa é a História da Festa, com destaque para o Carnaval de Salvador, as Festas do Caboclo de Itaparica e as Festas de Independência de Cartagena de Indias. Interessa-se também pela relação entre Música, Literatura e História. Coordena o Grupo de Pesquisa O Som do Lugar e o Mundo. E-mail: miltonmoura7@gmail.com

celebración de la independencia en Itaparica. La reflexión toma como una cuestión metodológica fundamental la pregunta por la diferencia que desde su creación ha hecho la figura del Caboclo Eduardo en el universo de las fiestas y la cultura locales, contextualizando este proceso en el universo de las celebraciones de independencia en Bahia.

Palabras-clave: Caboclo, Mestizo, Bahía de Todos los Santos, Itaparica, Cultura Popular

*Recebido em 07/03/2016 - Aprovado em 26/10/2016*

## Introdução

Pode-se tomar como objeto de estudo histórico o desempenho de um indivíduo acerca do qual não se reúnem tantas informações? Quem teria sido o Caboclo Eduardo, sobre o qual falam de modo especial os itaparicanos maiores de 65 anos? Estes não somente o reconhecem como fundador do grupo Os Guaranys, como também lhe atribuem um papel fundamental na criação de uma nova forma de comemoração no contexto da Festa de Itaparica, qual seja, o auto da Roubada da Rainha. A história de Eduardo é relativamente misteriosa; entretanto, seus coetâneos testemunham que contribuiu vigorosamente para configurar uma forma inédita de apresentar e representar o Caboclo nessa cidade. Diante da escassez de informações escritas e mesmo de fotografias individualizadas deste homem, o pesquisador se depara com a riqueza e singularidade de elementos que, presentes até hoje nos festejos do 7 de Janeiro nessa cidade, são constantemente remetidos à sua inventividade e reinterpretados pelos mais velhos, além de motivo de curiosidade e respeito de parte dos mais jovens.

Este artigo discute o caráter criativo da intervenção de Eduardo no conjunto de manifestações festivas – religiosas, cívicas e lúdicas, o que significaria também manifestações políticas – relacionadas ao Caboclo em Itaparica. Que diferença fez e continua fazendo sua atuação? Em que sentido posso propor seu vulto como singularmente histórico?

O recurso à metodologia de Chartier parece oportuno quando se toma como central o engendramento da diferença:

O que toda história deve pensar é, pois, indissociavelmente, a *diferença* através da qual todas as sociedades separaram, do cotidiano, em figuras variáveis, um domínio particular da atividade humana, e as *dependências* que inscrevem das múltiplas maneiras, a invenção estética e intelectual em suas condições de possibilidade (2002, p. 94. Grifos do autor).

Levando em conta a proximidade de tal formulação com a teoria da sociedade em Bourdieu, podemos lançar mão também da conceituação que este autor formula do

campo como espaço em que diferentes sujeitos estruturam e tomam posições (BOURDIEU, 1989). Tanto Chartier como Bourdieu refletem de modo desafiador sobre a constituição dos campos e a relativa autonomia que cada campo pode manter em relação a outros e ao conjunto da sociedade.

Na sua interpretação didática da proposta de Bourdieu, Loïc Wacquant (2005) traduz a constituição do campo como espaço estruturado de posições e tomadas de posições. Referindo-se especificamente ao campo das manifestações artísticas, afirma que indivíduos e instituições competem pelo monopólio da autoridade com relação a essas práticas e manifestações em processos nos quais este campo se torna relativamente autônomo com relação a outros, como aqueles que convencionalmente são tomados como políticos ou econômicos. Essa pista metodológica parece oportuna no sentido de que os indivíduos ou grupos podem priorizar um determinado campo na sua atuação, no intuito de instituir seu traço no conjunto da sociedade em que buscam se legitimar. Assim, pode-se pensar o campo das manifestações artísticas e culturais, mais amplamente falando, de modo a incluir as manifestações religiosas, inclusive porque estas últimas não apenas se situam no campo das práticas culturais, como se valem de elementos artísticos na sua apresentação e proposição. Os limites entre um desempenho artístico, um espetáculo ou uma performance parecem demasiado tênues para se constituir como critério de classificações ou categorizações.

Ora, é no campo das representações, consideradas artísticas ou religiosas, conforme o acento, que vamos encontrar a insinuação da originalidade do Caboclo Eduardo. Podemos considerar estas práticas como religiosas ao mesmo tempo que artísticas? Creio que, ao longo desta reflexão, o leitor encontrará elementos para se posicionar nesta encruzilhada.

A contribuição de Homi Bhabha, tributária de autores de diferentes nichos epistêmicos como Fanon, Said, Foucault, Anderson e Hall, também aporta elementos importantes para a construção do nosso objeto. Em se tratando da constituição e instituição de uma iconografia da nação, trava-se permanentemente uma disputa de legitimidades. A tensão entre a nação formatada pelo Estado – ou o Estado-nação, se quisermos – e o povo é um terreno movediço para a pesquisa, no sentido de que se move constantemente aportando estratégias de fazer valer seus capitais simbólicos. Assim diz Bhabha:

Temos então um território conceitual disputado, onde o povo tem de ser pensado num tempo-duplo; o povo consiste em “objetos” históricos de uma pedagogia nacionalista, que atribui ao discurso uma autoridade que se baseia no pré-estabelecido ou na ordem histórica constituída *no passado*; o povo consiste também em “sujeitos” de um processo de significação que deve obliterar qualquer

presença anterior ou originária do povo-nação para demonstrar os princípios prodigiosos, vivos, do povo como contemporaneidade, como aquele signo do *presente* através do qual a vida nacional é redimida e reiterada como um processo reprodutivo. (BHABHA, 1998, p. 206-207. Grifos do autor).

Essa metodologia retoma as reflexões aportadas já em 1882 por Ernest Renan, professor da Sorbonne, quando se respirava um clima de reconhecimento e mesmo de admiração diante da consolidação do Estado burguês na Europa central e da prosperidade que proporcionava este construto da modernidade. Por um lado, o Estado-nação se refere(ia) a um passado comum, cultuado cuidadosamente, como vemos em Benedict Anderson (1989). Por outro lado – e é o que nos interessa especificamente neste ensaio –, faz-se necessário promover constantemente o consentimento, mecanismos de consenso que viabilizem a convivência dos diferentes. Na formulação paradigmática do autor: “A existência de uma ação é, se podemos lançar mão dessa metáfora, um plebiscito diário, da mesma forma como a existência de um indivíduo é a afirmação perpétua da vida” (RENAN, 1990, p. 19).

Na perspectiva de Bhabha, a agência pós-colonial consiste fundamentalmente em modificar a narrativa do colonizador. Isto seria nitidamente perceptível nos países europeus que receberam um número considerável de imigrantes de suas ex-colônias e que, longe de se considerarem estrangeiros em termos de enunciação de uma língua materna que não a hegemônica e local, passaram a inserir suas marcas na textualidade do inglês, francês e alemão, como entretextos que se constituem como entropoderes.

A expressão “diversidade cultural”, para Bhabha e seus leitores, cede diante de “diferença cultural”, cabendo aí o revestimento dramático de termos como “negociação”. A partir da compreensão da diferença, a negociação assume tons mais conflitivos e seus horizontes se revelam mais abertos:

Apresentei essas diferenças em pinceladas rápidas, usando muitas vezes a linguagem da polêmica, para sugerir que cada posição é sempre um processo de tradução e transferência de sentido. Cada objetivo é construído sobre o traço daquela perspectiva que ele rasura. (BHABHA, 1998, p. 53)

E é precisamente este caráter móvel, de contínuo fazimento da nação, organizada e expressa em iconografias, que permite o cotejamento entre as propostas de Chartier e Bhabha, aos efeitos de sublinhar, desde o início, a relevância e singularidade da atuação do Caboclo Eduardo na invenção de uma brasilidade possível na pequena cidade de Itaparica, situada no centro da Baía de Todos os Santos. Para levar a cabo esta busca da presença do nosso personagem, coloco o leitor, inicialmente, em contato com alguns

itens referenciais da bibliografia sobre as Festas de Independência na Bahia, em que a figura do Caboclo é fundamental, variando consideravelmente de acordo com o período e a cidade. Em seguida, ofereço alguns traços no intuito de reconstituir a história do grupo Os Guarany's, acentuando o que diz respeito mais proximamente ao Caboclo Eduardo. Por fim, procuro tecer uma reflexão sobre a atuação original do personagem, arrematando elementos de diálogo com os autores acima citados e propondo uma concepção de biografia a partir do sentido da diferença que o biografado faz diante daqueles que testemunham sua presença.

Permita-me o leitor colocar-me na primeira pessoa, pois a investigação que resultou no presente texto corresponde, em certo sentido, a uma etnografia que vem de alguns anos, parecendo artificial isolar a curiosidade especial do autor da busca por um perfil tão rarefeito em termos de informações que poderiam ser consideradas “objetivas”. Os testemunhos aqui referidos foram recolhidos na ambiência de uma interlocução que levou tempo para se estabelecer como um diálogo em confiança. Este ponto específico da metodologia, qual seja, a História Oral, é abordado com mais acercamento quando se trata propriamente da memória sobre o Caboclo Eduardo.

## O Caboclo e as Festas de Independência na Bahia

Para compreender a singularidade da Festa de Independência em Itaparica, é necessário situá-la no contexto deste tipo de festa na Bahia. Fixou-se a data do 2 de Julho como Independência da Bahia<sup>2</sup> pois foi nesta data, em 1823, que as forças armadas portuguesas deixaram a Baía de Todos os Santos, pondo fim a uma série de conflitos que envolveram a capital e boa parte do Recôncavo, desde fevereiro de 1822, no sentido de garantir a participação da Província da Bahia no novo Estado que se gestava desde a primeira década do século XIX e que se desenhava como projeto de império em torno da figura do príncipe Pedro já no início da terceira década daquele século.

Temos hoje Festas de Independência – com destaque maior ou menor do cortejo do Caboclo, ou da Cabocla, ou de ambos – em diversas cidades, reunindo elementos cívicos associados, em maior ou menor grau, a elementos religiosos. As cidades de Bom Jesus dos Passos, Bom Jesus dos Pobres, Cachoeira, Itaparica e Caetité fazem a Festa para o seu Caboclo, enquanto em Valença, Jaguaripe, Salinas da Margarida, Santo Amaro da Purificação, São Félix e Saubara, a Festa é para a Cabocla. Em Salvador e Itacaré, festejam-se o Caboclo e a Cabocla. Dentre estas cidades, apenas Itacaré e Valença, no Baixo Sul, e Caetité, na Chapada Diamantina, estão fora do Recôncavo.

<sup>2</sup> Escrevo as expressões Independência da Bahia e Independência de Itaparica como nomes próprios porque assim costumam comparecer nos livros didáticos e no material cívico e político de divulgação. A participação da Província da Bahia no processo de independização do Brasil costuma ser objeto de polêmica, mas a extensão deste artigo não comportaria o desenvolvimento deste tipo de discussão. Esta observação vale também para a expressão Independência de Itaparica.

**Figura 1**



O Caboclo no 2 de Julho de 2008. Salvador.  
Fotografia: Carolina Ruiz de Macêdo.

Entre estas versões do(a) Caboclo(a), três têm nomes próprios: Dona América é o nome da Cabocla de Jaguaripe; Dona Brígida, da Cabocla de Saubara; e Tupinambá, do Caboclo de Itaparica. A Festa do Caboclo de Cachoeira acontece no dia 25 de Junho, quando se comemora a proclamação da independência nesta cidade. Por sua vez, a Festa do Caboclo de Itaparica acontece no dia 7 de Janeiro. Todos as outras Festas de Independência acontecem na Bahia no dia 2 de Julho. Em algumas cidades, praticam-se formas específicas de comemoração, como as “caretas do mingau”, em Saubara. Predomina, contudo, o cortejo do(a) Caboclo(a).

Figura 2



O Caboclo no 2 de Julho de 2008. Salvador.

Fotografia: Carolina Ruiz de Macêdo.

Cabe traçar uma conexão entre estas comemorações e os cultos oferecidos aos Caboclos em centenas de casas nestas cidades e em muitas outras. Dificilmente se encontra uma casa de Caboclo, ou casa de Candomblé em que se cultue abertamente o Caboclo, que não lhe ofereça uma festa na data reconhecida como sendo aquela da independência da Bahia. De onde teriam se originado tantas festas? Teriam vindo da mesma matriz? A observação destas festas em quase todo o Recôncavo e em centenas de localidades em toda a Bahia aponta para a dificuldade em se fixar “uma origem”, como tantas vezes se diz. A invenção da Festa do 2 de Julho em Salvador costuma ser tomada

como paradigma para a compreensão do processo tal como ocorreu nas cidades do interior. Entretanto, faltam pesquisas que autorizem afirmar, simplesmente, que as formas da festa se irradiaram a partir da capital.

O que mais interessa nos quadros dessa reflexão é sobretudo caracterizar a Festa do 2 de Julho como uma arena em que disputam legitimidades tanto setores populares, mais ou menos próximos do culto de Orixás e Caboclos, como representantes das elites para quem a data magna da Bahia deveria se constituir e regularizar como algo “civilizado”. Isto se mantém até os nossos dias, podendo o visitante perceber facilmente como diversos segmentos da política partidária e de organizações da sociedade civil se aproximam das imagens do Caboclo e da Cabocla e almejam ser visibilizados junto aos seus belos carros de guerra.

O primeiro festejo do Caboclo do 2 de Julho aconteceu no primeiro aniversário da saída das tropas portuguesas de Salvador, em 1824. A descrição de Manoel Querino é antológica:

Lançaram mão de uma carreta tomada aos lusitanos nos combates de Pirajá, enfeitaram-na de ramos de café, fumo “folha brasileira” (cróton) etc. e, sobre a carreta, colocaram um velho mestiço descendente de indígenas. E assim conduziram do Largo da Lapinha ao Terreiro de Jesus o carro e emblema da ocasião, juntamente com o inolvidável “carro da bagagem”, ao som de pandeiros, violas, aclamações delirantes, fanfarras, etc. (QUERINO, 1946, p. 47)

Dois anos após, o Caboclo seria representado numa imagem de madeira, em carro luxuosamente preparado. Acrescentar-se-ia a imagem da Cabocla, em data cuja precisção é polêmica.

Figura 3



A Cabocla no 2 de Julho de 2008. Salvador.

Fotografia: Carolina Ruiz de Macêdo.

Para Wlamyra Albuquerque (1996), a presença dos Caboclos na Festa do 2 de Julho pode ser compreendida como uma assimilação criativa dessas figuras pela tradição dos Orixás, que as teria reconfigurado. Assim, a população soteropolitana – e do Recôncavo de modo geral – passa a se representar como brasileira, passando neste processo pela reverência e pelas homenagens aos deuses do próprio território, quais sejam, os Caboclos, cuja presença é anterior à dos Orixás.

Semelhante modo de compreender a implantação do Caboclo no centro da Festa intuição se encontra em Jocélio Santos. Na percepção deste autor, o Caboclo seria “menos brasileiro do que aparenta e mais ‘africano’ do que se poderia crer” (SANTOS, 1995, p.147). Tais enfoques terminam colocando em segundo plano a própria dimensão religiosa original e específica do Caboclo. A pista sugerida pelo autor mantém sua validade, quando afirma que as construções em torno do Caboclo “não podem ser vistas exclusivamente como resultantes de um sistema religioso, mas na relação que esse sistema mantém com um sistema de valores que se encontra na sociedade envolvente” (SANTOS, 1995, p.147). Entretanto, quando os pesquisadores se referem ao Caboclo sempre – ou predominantemente – a partir de sua incorporação pelas comunidades de Candomblé, a divindade que os indígenas aportam ao panteão religioso da brasilidade carece de uma abordagem histórica à altura daquela alcançada pela tradição dos Orixás.

Para Hendrick Kraay (2000), importa investigar os contornos desta construção socio-histórica através da qual a população pobre da Bahia, negra e mestiça, manteve entusiasticamente as comemorações da independência mediante o culto aos Caboclos. O autor vê a dimensão étnica relativamente subsumida à dimensão de classe. O Caboclo, como ícone festivo, religioso e político do índio, aconteceria como uma estratégia de legitimação, apresentando-se próximo de figuras como a índia tupinambá Paraguaçu, entronizada pela historiografia convencional e oficial como ancestral indígena do povo baiano e, em algumas narrativas, do povo brasileiro, através de sua ligação ao personagem Diogo Álvares Correia, o Caramuru. Na leitura de Kraay, a Festa teria se desenvolvido no sentido tornar os heróis menos africanos. Os Caboclos teriam, assim, um papel de amenizar os traços da origem africana e escrava da maioria da população. Podemos ver, aí, homologias e analogias com o processo de construção de uma brasilidade palatável aos cidadãos a partir da construção da figura do índio pela vertente de literatura romântica da qual José de Alencar é o nome mais sobressaliente.

Em contrapartida, não é difícil compreender como a entronização do Caboclo na Festa de Independência veio legitimar a constituição do culto aos Caboclos. Isto se verificou seja em casas estabelecidas para o seu culto, seja como agregado mais ou menos integrado às casas de Candomblé, seja ainda como entidade que se cultua mais esporadicamente, sem o aparato das casas de Candomblé que Luís Nicolau Parés (2006) caracteriza como sendo de estrutura conventual.

Figura 4



A Cabocla no 2 de Julho de 2016. Salvador.

Fotografia: Milton Moura.

Cabe aqui colocar uma questão acerca do olhar que os pesquisadores costumam lançar sobre o que as fontes chamam abundantemente de “bataques”. Em não poucos textos, isto soa quase automaticamente como festas de Orixá. Presume-se que seriam rituais de casas de Candomblé, nas cidades como nas zonas rurais. Entretanto, não se

poderia descartar que aquelas pessoas estivessem praticando um culto a um ou mais Caboclos, ou que Caboclos e Orixás estivessem associados na mesma festa. Esta conjectura se coaduna com um traço que distingue um tipo de entidade do outro. Enquanto o Orixá é normalmente incorporado à pessoa mediante um processo de iniciação, o Caboclo já se manifesta feito desde os primeiros sinais de sua aparição. Esta característica do culto aos Caboclos se completa com o que se ouve com frequência em casas de Candomblé em Salvador: o Caboclo não pertence às nações de origem africana, como Jeje, Ketu, Angola ou Ijexá. É mais frequente que se apresente em terreiros de Angola, mas não se costuma dizer que o Caboclo integra o panteão propriamente dito do Candomblé de Angola. “A nação do Caboclo é o Brasil mesmo”. (depoimento de J.G.D, 67 anos, em 03.09.2014). Tal enunciado não corresponde a afirmar que o Caboclo não possa estar associado a um Orixá, e sim que correspondem a categorias diferentes de divindade, referidas a mitos de origem diferenciados, podendo compartilhar – ou não – templos, ambientes, fiéis e médiuns.

Aos efeitos de nosso percurso de reflexão, cabe considerar mais duas contribuições dos autores acima citados.

Para Wlamyra Albuquerque (1999), a Festa do 2 de Julho foi a ocasião do exercício da inventividade de setores populares que a celebravam com alegria explosiva, mostrando-se senhores da rua, ao ponto de organizarem Festas de 2 de Julho em diferentes meses do ano, conforme o bairro. Em contrapartida, as elites ciosas da imagem de uma Bahia civilizada à moda europeia restringiram o quanto puderam a criatividade e espontaneidade populares, chegando a reter as imagens dos Caboclos no panteão que as abriga no Largo da Lapinha, cerceando assim a sua presença na comemoração do Centenário da Independência, em 1923, quando foram substituídas pela imagem do Senhor do Bonfim.

Para Hendrik Kraay (2003), a história da Festa da Independência é marcada, desde o final do século XIX, pela tensão entre a centralidade do grande monumento neoclássico de bronze e mármore erguido na praça 2 de Julho (mais conhecida como o Campo Grande) em 1895 e a mobilidade dos folguedos populares, principalmente o cortejo das imagens. Temos aí uma metáfora interessante para compreender a polarização entre os diversos tipos de manifestação que acontecem como Festa do 2 de Julho.

Um olhar mais cuidadoso sobre outros festejos, nestes quase duzentos anos de Independência, pode identificar uma notável tensão na sociedade que os realiza. Podemos considerar emblemática desta tensão uma afirmação do Tenente José Joaquim de Almeida e Arnizáu, cidadão cachoeirano que se distinguiu nos combates contra os portugueses em 1822-23. Em 1825, já no Rio de Janeiro, redige um documento entregue a Pedro I, advogando a criação de um destacamento policial em Cachoeira. Poder-se-ia falar de uma demografia da conflitividade? Vejamos:

Ora, havendo como há 20 engenhos em tão limitado espaço, e tendo cada um deles de 100 cativos para cima, e alguns 200, e havendo de 50 a 80, nas fazendas, não contando inumeráveis agregados, e vadios, salta aos olhos do entendimento a grande necessidade que há de um corpo que mantenha a boa ordem nestes lares, onde a heterogeneidade de cores e condições dá origem a rixas, queixas, roubos, assuadas e assassinios (ARNIZÁU, 1998, p. 41).

O documento data dos mesmos anos em que se iniciaram as Festas de Independência tendo ao centro as homenagens ao Caboclo. Ora, uma sociedade com níveis tão elevados de conflitividade – o que é indissociável da fricção étnica – seria impraticável sem o exercício da negociação, o que supõe uma certa fluidez nos contornos das posições antinômicas. Tratar-se-ia então dos campos de disputa a que se referem Chartier e Bhabha, tais como referidos no início deste artigo. A partir das contribuições de Albuquerque como de Kraay, a perduração da Festa dos Caboclos da Independência estaria na ordem da negociação.

Uma abordagem mais completa da história da Festa do 2 de Julho extrapolaria os limites deste artigo. As notas aqui apresentadas visam compor um panorama geral em que se inserem a Festa de Itaparica.

Caberia acrescentar ainda que a bibliografia antropológica deste início de século trouxe elementos importantes para a compreensão da encantarria no Brasil, destacando-se aí a coletânea organizada por Rinaldo Prandi (2001), construindo uma rica tipologia das entidades afro-ameríndias. Em sentido complementar, alguns estudos socioantropológicos têm contribuído para desvendar os mistérios da coexistência entre diversos tipos de entidade nas comunidades de religiões afro-brasileiras, como faz Míriam Rabelo (2014) ao traçar vínculos de compatibilização entre Orixás e Caboclos numa mesma casa de Salvador. Entretanto, permanece pouco estudado o perfil do Caboclo da Festa de Independência e as interseções entre as dimensões cívica, política e religiosa nesse universo de estudo.

Gostaria de propor um passo no sentido de superar esta limitação. Seguindo o rumo da nossa reflexão, trata-se agora de sondar o que parece ter ocorrido em Itaparica.

## **O Caboclo e a Festa de Independência em Itaparica**

É no 7 de Janeiro que se realiza a Festa de Independência de Itaparica. Foi no sétimo dia de 1823 que se deu a façanha dos seus moradores que, com o reforço de tropas enviadas pelo governo central sediado no Rio de Janeiro, contiveram o desembarque de numerosas tropas portuguesas na ilha. No contexto da luta que se prolongava há vários meses, a retirada correspondeu a uma perda considerável para estas últimas, delineando-se a dificuldade do projeto lusitano de conservar uma parte da imensa colônia de além-mar.

Não dispomos de registros sobre a Festa da Independência de Itaparica que incluam as homenagens ao Caboclo nas primeiras décadas desta tradição. Bernardino Ferreira Nóbrega, (2013) que participou dos enfrentamentos de 1822-23 nessa cidade, deixou descrição consideravelmente pormenorizada dos acontecimentos. A primeira edição do seu livro foi impressa em 1827 na Typographia Imperial e Nacional, em Salvador, tratando inclusive das comemorações da vitória sobre os portugueses, mas não se refere aos festejos populares. As notas de Pirajá da Silva às novas edições, inclusive reportando as comemorações do centenário da Independência de Itaparica, em 1923, tampouco se referem aos festejos populares que não estiveram associados às solenidades oficiais. Ficamos sem notícia do Caboclo... Em várias das outras cidades no entorno da Baía de Todos os Santos, os festejos incluíam a passagem do Caboclo. Por que não o incluíam em Itaparica?

O documento solitário que encontramos para o século XIX vem da crônica do memorialista itaparicano Ubaldo Osório (1979), avô do romancista João Ubaldo Ribeiro. Trata-se de um texto com sabor de memória recontada, pois o autor não teria idade para ter ouvido esta narrativa diretamente daqueles que haviam presenciado a Festa. Osório se refere a uma encenação do combate entre portugueses e baianos nas cercanias do Forte de São Lourenço, costume do qual os itaparicanos nascidos a partir dos anos 1930 jamais ouviram dizer. Vejamos o que diz o nosso cronista, que publicou a primeira edição de sua longa crônica em 1927:

O SETE DE JANEIRO, tornou-se, desde 1824, a devoção patriótica dos itaparicanos. Hoje, a comemoração do grande feito dos libertadores já não tem a vibração daqueles tempos. Já não se organizam os batalhões patrióticos. As crioulas já não tomam parte no cortejo cívico, nem os marujos entoam, à beira mar, as suas velhas canções. Os antigos programas, desde 1856, vêm sofrendo profundas modificações. Até o combate simulado que se travava, no largo da Fortaleza, entre praieiros e lusitanos, até esse combate foi supresso.

O grupo de patriotas que não perdeu, ainda, o entusiasmo, pelas festas populares do 7 de janeiro, em Itaparica, está muito reduzido. [...]

Na tarde de 1º de janeiro, um grupo de mascarados fazia a distinção dos pregões da festa, e, à noite, desse mesmo dia, era feito, o “enterramento do dístico”, nas proximidades da casa do velho Zumba, assinalando o local em que seria levantado o Arco do Triunfo, onde, o Carro do Caboclo, permaneceria, durante três noites seguidas. (OSÓRIO, 1979, p. 548-9. Grifo do autor)

Eis, então, a referência mais antiga ao Caboclo de Itaparica de que se tem notícia:

Até o ano de 1856, o Carro do Caboclo era conduzido, à noite do dia 6 de janeiro, à luz dos fachos de palmas de ouricuri, para as fortificações da Praia Grande, onde permanecia, sob a vigilância dos batalhões populares, acampados nas barracas, nos cômodos de areia, bem defronte à roça de D. Francisca de Barros Galvão, a irmã do Herói que, em 1823, repeliu bravamente, naquela praia, o desembarque tentado pelos lusitanos. (OSÓRIO, 1979, p. 549)

Considerando a preciosidade e unicidade da fonte, vale a pena citar parte do restante do capítulo da empolgada crônica de Osório, pois permite visualizar o clima de exaltação e alegria que teria reinado nas comemorações da Independência de Itaparica em meados do século XIX, incluindo o Caboclo e seu carro:

Na noite da levada do Carro para as velhas fortificações praieiras, a população da Ponta de Areia vibrava de entusiasmo. No povoado de Amoreiras, até o amanhecer do dia 7, havia o samba-de-roda e as cantigas sambadas, nas ruas iluminadas pelas carochas de gomos de bambus. Marujos entoavam velhas canções praieiras e improvisavam quadras exaltando a bravura da sua gente: O Madeira assentou / que Itaparica era sua / O Valente João das Botas / deu-lhe com os quartos na rua.

No dia 7, depois da alvorada em frente à casa de Barros Galvão, sombreada pela MANGUEIRA DA PORTA, que o Herói plantou e viu crescer, os batalhões populares faziam alto e descansavam, as suas armas, nos sarçais da praia, aguardando a chegada do ajudante de ordens do COMANDANTE MILITAR DA ILHA, que viria fazer a leitura da proclamação dirigida “aos soldados brasileiros que denodadamente defenderam ITAPARICA”. Feita a leitura da proclamação, diante do povo e da tropa, o préstito desfilava, pela orla do mar, numa grande vibração. [...]

As “VEDETAS DA PRAIA DO CONVENTO”, com os seus corpetes vermelhos e os açaфates cheios de rosas da mesma cor, incorporavam-se ao préstito que se encaminhava para a Igreja de São Lourenço, onde era cantado o TE-DEUM, pelo vigário da Freguesia. Concluía

a cerimônia religiosa, o CARRO DO CABOCLO, era levado para o LARGO DA FORTALEZA, seguido por enorme multidão.

Após a leitura da Proclamação de Labatut, na velha Praça de Guerra, era feito, pelo Presidente da Província, o hasteamento da bandeira do Brasil Independente, oferecida, à guarnição da Ilha, pelo bravo General do Exército Libertador. Populares, com os seus chapéus de CABO BENTO, ornados de fitas verdes e amarelas, vibravam de entusiasmo cantando: Quem não bebe nesse dia / quem não toma bebedeira / Não é parente do Lima / É parente do Madeira.

Bandas de música faziam-se ouvir acompanhando, o povo, nas suas expansões. As crioulas da BANDA DA PRAIA, com os seus torços e as suas saias rodadas, aclamavam, também, os pelejadores, cantando o HINO, musicado pelo patriota JOSÉ JOAQUIM DOS REIS.

O GALVÃO, O GALVÃO, perdeu a mão / Pela nossa, pela nossa LIBERDADE. (OSÓRIO, p. 549-550. Grifos do autor).

A partir deste ponto, apresento ao leitor alguns trechos de depoimentos recolhidos ao longo de doze anos em Itaparica, junto a moradores de diversas idades, na sua maioria aí nascidos e tendo aí vivido a maior parte de seus anos. Inicialmente, privilegio aqueles informantes que tiveram a oportunidade de conhecer o Caboclo Eduardo e puderam presenciar a diferença aportada pela suas invenções: o grupo Os Guarany e o auto da Roubada da Rainha. Antes de passar aos depoimentos, contudo, gostaria de pontuar alguns problemas que costumam se colocar quando se trata de História Oral.

Paul Thompson (1992) advoga a legitimidade das fontes orais na pesquisa históricas com o argumento de que os historiadores que se debruçam sobre os seus objetos à distância se arriscam a projetar concepções suas sobre os mesmos. Assim, o vigor da oralidade corresponderia a relatos mais vibrantes, próximos da experiência daqueles sujeitos que participaram dos processos históricos investigados. Ora, se isto é um fator importante no tratamento dos depoimentos, estes não estão isentos de desconfiças.

Gwin Prins (1992) elenca três itens que costumam constar entre as críticas à História Oral. O primeiro seriam os contornos imprecisos da própria forma dos depoimentos e sua mobilidade, inclusive porque a mesma pessoa não concede o mesmo depoimento em outro momento. O segundo seria a ausência de parâmetros rigorosos na definição da cronologia, frequentemente associada à experiência individual do depoente.

Por fim, temos que enfrentar a dificuldade de comprovação daquilo que é relatado. A autora coloca então a necessidade de trabalhar com técnicas adequadas para superar estas limitações.

Por sua vez, Marieta Ferreira (1994) escreve sobre a importância da preparação de roteiros de entrevistas apropriados e insiste na integração entre a História Oral e outras técnicas de pesquisa, de modo que as descobertas se completem, sejam aparados os exageros e fantasias e descartadas as informações distorcidas.

As reflexões dos autores acima, bem como aquelas praticadas em ocasiões como congressos, seminários e reuniões de grupo de pesquisa, têm sido fundamentais para o desenvolvimento desta investigação. Nos procedimentos de entrevista em Itaparica, considerando a escala modesta no número de entrevistados e a acuidade consideravelmente diferenciada das memórias – ou das “lembranças”, como quase todos eles dizem –, abandonei os questionários e passei a registrar os depoimentos a partir de duas perguntas: “O que o(a) senhor(a) se lembra da Festa de Itaparica de antigamente?” e “O(a) senhor(a) conheceu o Caboclo Eduardo? Como era ele?”.

Este procedimento me foi sugerido pelo etnólogo e fotógrafo Pierre Verger<sup>3</sup>, que me contou de sua experiência de muitas décadas trabalhando em diversos países: “As pessoas dizem o que querem e não dizem o que não querem. O importante é você deixar eles perceberem o que você quer saber. Então elas vão falar. Depois, o trabalho é seu de tratar tudo isto” (Pierre Verger, 91 anos, 10.10.1994). No caso de Itaparica, como os moradores mais idosos estão relativamente acostumados a tratar com artistas, pesquisadores, turistas, veranistas etc., é frequente que eles mesmos façam perguntas como: “Essa entrevista é pra que mesmo? Outro dia veio aqui uma moça que me perguntou a mesma coisa” (J.C.S, 72 anos, 18.04.2005). Sendo assim, o entrevistado, de certa forma, também conduz a interlocução. O cuidado receitado por Verger não se mostrou menos exigente que aquele que seria realizado a partir da aplicação de questionários pormenorizados. Assim, o questionário semiestruturado cedeu à pergunta quase única e, com o passar do tempo, pude apurar com mais precisão as informações. Para que o leitor possa experimentar uma proximidade maior com relação ao teor do depoimento, estou disponibilizando a idade do informante na data da realização da entrevista.

Uma consideração a mais sobre o processamento das entrevistas: a pouca precisão dos dados cronológicos – o que não significa necessariamente imprecisão, e sim a precisão possível – aconselha a tomar como referência, em certos casos, um período de alguns anos, e não um ano determinado. Assim, foi possível detectar as informações com maior probabilidade de verossimilhança. Quando o entrevistado revelava o ano de nascimento ou a idade que contava na ocasião, era possível datar alguns acontecimentos a

---

<sup>3</sup> Nasceu em Paris em 1902 e morreu em Salvador em 1996.

partir da idade que somava quando ocorreu – ou teria ocorrido – o objeto de sua recordação.

A única datação sobre a qual não há divergência alguma corresponde à fundação do grupo Os Guarany's em 1939. Algumas vezes, o mais importante tem sido buscar compreender a elaboração de significados tecida em torno desse período fundante. Outro recurso foi também o do “contraponto”, ou seja, informações complementares indiretas que permitem robustecer outras mais diretas.

Figura 5



Levada do Caboclo no 7 de Janeiro de 1948.

Fonte: Acervo da Fundação Instituto Feminino da Bahia - Brasil.

Devo aqui acrescentar que o interesse do entrevistado no desenvolvimento da pesquisa se mostrou um elemento precioso. Percebendo o que eu queria saber, não poucas vezes os informantes me sugeriram pistas, contaram acontecimentos ou me remeteram a outros possíveis informantes.

Em diversos itens, a Festa de Itaparica se mantém como está no relato de Ubaldo Osório, guardando sua singularidade no conjunto daquelas acima citadas. No dia 6 de janeiro, acontece a *puxada* do carro do Caboclo, que percorre as ruas do centro à noite, ainda sem a imagem do Caboclo, passando em frente ao Forte de São Lourenço e dirigindo-se até a Fonte da Bica. “É a antiguidade. O Forte é da antiguidade de Itaparica, o Caboclo também, são as coisas que já vêm dos antigos, antes de todo mundo aqui ter nascido” (J.F.G., 75 anos, 30.07.2005). O ritual se destaca pelos fochos acesos, feitos com a palha seca de dendezeiro. A própria ausência da imagem sobre o carro como que cultiva a expectativa de vê-lo aí no dia seguinte.

O final da tarde do dia 7 de janeiro se constitui como o momento culminante da Festa. É a *levada* do carro, logo após a entronização da imagem do Caboclo.

Figura 6



Levada do Caboclo no 7 de Janeiro de 1948.

Fonte: Acervo da Fundação Instituto Feminino da Bahia - Brasil

Enfim, no dia 9 de Janeiro, após o discurso do Prefeito, os itaparicanos tornam a conduzir o Caboclo em seu carro, chamando-se a este rito a *guardada* do Caboclo, sendo usados novamente fachos acesos.

As entrevistas realizadas com diversos idosos apontam uma considerável diversidade de formas festivas em Itaparica no verão, no período compreendido entre os anos 20 e 50 do século XX. Referem-se a um afoxé com várias baianas<sup>4</sup> e aos folguedos da burrinha e do bumba-meu-boi. Nas décadas de 60 e 70, nos dias que precediam a Festa de Reis, animava as ruas o Bloco do Garrancho, cuja apresentação incluía artefatos de sucata presos a galhos secos. Nesse período, a Fábrica de Tecidos São Benedito produzia uma quantidade considerável de resíduos de algodão que eram usados no folguedo.

Vejamos esta narrativa:

A Festa do Caboclo, antigamente, tinha o Caboclo Velho, o Preto Velho, o Caboclo Adivinhão. O bumba-meu-boi era no dia 8 de janeiro, um dia depois da festa principal de Itaparica. Tinha o mandu, tinha a marujada, tinha tudo. Vinha o Terno das Flores, o Terno das Nações, inclusive os veranistas participavam. Antigamente não tinha a Roubada da Rainha. A festa do caboclo era diferente, ficava diferente a depender de quem organizava, porque tem também a vaidade de cada um. Dependia da comissão responsável de cada época. Era segundo a individualidade de cada responsável. Aí ia mudando, ficando sempre o Caboclo no meio, que ele é o mais importante (C.P.B.C, 80 anos, 26.01.2007).

Não se observa coincidência entre as informações sobre o perfil, a composição e a frequência dos grupos que se apresentavam na Festa de Itaparica. Os moradores idosos gostam de sublinhar a diversidade dos grupos daquele período. Por outro lado, é unânime o registro da inovação trazida pelo Caboclo Eduardo.

O que ficou diferente foi quando aquele Caboclo Eduardo inventou esse drama dos índios, que o povo chama de Roubada da Rainha. Antes não tinha isso, foi com ele que veio. Ele foi quem criou esse grupo dos Caboclos e esse

---

<sup>4</sup> O afoxé do Candomblé de Roxinho participou da Festa de Itaparica até os anos 90, mas não foi possível conferir se era o mesmo que se apresentava naquele período ou outro afoxé organizado no mesmo terreiro.

drama. É uma beleza, todo ano tem, tem gente que vem de Salvador prá assistir. Desde que eu era menino é praticamente a mesma coisa, só mudam os componentes porque vão ficando velhos, vão morrendo, tem uns que mudam prá outros cantos, prá São Paulo, prá Feira de Santana, e aí vão botando outros. Mas é tudo do jeito que o Caboclo Eduardo trouxe prá cá (N.G.T., 71 anos, 23.03.2005).

Isto nos interessa mais de perto. Os Guaranys passaram, a partir de 1939, a participar da Festa de Independência, seja perfilando-se logo após a imagem do Caboclo, seja encenando o auto da Roubada da Rainha. Os idosos afirmam que se intensificaram as transformações nos festejos, com mais ênfase para a figura do Caboclo.

Porque tinha muitas coisas, e todo mundo gostava de todas elas. Mas com o tempo essas coisas iam passando, e o grupo dos Caboclos ia ficando. Com esse Eduardo as coisas foram mudando. Um dia ele foi embora, mas os Caboclos estão aí até hoje. Vai mudando, porque tudo que fica vai mudando, o senhor sabe como é, o sujeito está bem hoje, amanhã morre de repente. Hoje é um, amanhã é outro... mas tudo foi ideia dele” (A.A.J, 76 anos, 15.03.2005).

## As invenções do Caboclo Eduardo

Quem é este Eduardo? É intrigante sua presença individual. Não há consenso sobre o seu sobrenome. Uns dizem Santos, outros Oliveira, outros ainda dizem que ele mesmo não se apresentava com sobrenome, “era somente Eduardo mesmo”. As recordações dos mais velhos só o trazem até os anos 50.

Vários informantes dizem que nasceu em Itaparica. “[...] aí prá baixo, devia morar numa roça dessas aí”. Até 1962, toda a ilha era um único município consideravelmente extenso. Assim, o local mais preciso de seu nascimento permanece envolto em algumas brumas. “Nasceu aqui em Itaparica, sim. A mãe dele se chamava Filomena” (C.R.B., 77 anos, 07.11.2005). Um traço diferencial é sua relação com a cidade de Nazaré das Farinhas, no sul do Recôncavo. “Mudou-se para lá e ficou noivo. Ficou uns dois anos por lá. Depois foi buscar a noiva, Sinésia, e casou. Vieram prá cá. Um dia ele foi embora e nunca mais se soube dele. Será que voltou para Nazaré e morreu por lá?” (C.R.B., 77 anos, 07.11.2005).

Não encontrei uma única fotografia individualizada do nosso personagem. Ninguém sabe garantir se ficou em Nazaré mesmo ou se morreu aí. Alguns de seus coetâneos dão conta de que era “um sujeito grande, moreno, bem cabo-verde<sup>5</sup> mesmo, parecendo um caboclo” (C.G.P., 83 anos, 2008). “É pena que o senhor não tenha conhecido ele. Olhando prá ele, o povo via o Caboclo mesmo, ele era o Caboclo de Itaparica, grande, bonito, cabo verde, aquele jeito de olhar que parecia o Caboclo mesmo” (M.V.S., 73 anos, 27.10.2007). Alguns velhos itaparicanos acrescentam que Eduardo trabalhou no Mocambo, então um vilarejo a cerca de 3 km de Itaparica. “Labutava com roça, com boi, cavalo, essas coisas de roça mesmo. Era um caboclo forte, alto” (C.G.P., 83 anos, 2008).

Os últimos parentes e contraparentes de Eduardo que consegui identificar já faleceram. Não há notícia de que tenha tido filhos. Resta o recurso de procurar, em Nazaré das Farinhas, vestígios de sua vida depois de haver deixado Itaparica ou algo que possa ajudar a compreender seu itinerário. Nada encontrei até agora. O professor e poeta Lamartine Augusto de Souza Vieira, aí nascido em Nazaré das Farinhas em 1933, afirmou desconhecer qualquer manifestação nesta cidade semelhante àquelas de Itaparica.

Aqui passavam uns meninos vestidos de índio no dia 2 de Julho, mas não era nada parecido com as coisas de Itaparica. Também morei em Itaparica e sei. Não me lembro se naquele tempo havia no Teatro Rio Branco<sup>6</sup> alguma coisa que falasse de caboclo. Acho difícil. (L.A.S.V., 77 anos, 24.02.2010).

A fotografia seguinte é a única dos Guarany's anterior aos anos 70 até agora encontrada. O verso tem a datação de 7 de janeiro de 1939. O registro integra a coleção do Instituto Feminino da Bahia, que naquela década tinha uma casa de retiro para suas alunas no centro da cidade de Itaparica.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> Diz-se da pessoa de cor escura que tem o cabelo liso.

<sup>6</sup> Construído em 1929, na cidade de Nazaré das Farinhas, por Felisberto Ribeiro Soares, foi uma das primeiras salas em que se exibiram filmes no Brasil, com capacidade para 670 pessoas. Em 2000, foi restaurado mediante o mecenato do jogador de futebol Marcos André Batista Santos, mais conhecido como Vampeta, natural de Nazaré. Entretanto, nada foi resgatado ainda sobre as atividades que aí se desenvolveram.

<sup>7</sup> Devo a Augusto Albuquerque a indicação da origem destas fontes, cujas cópias encontrei na Biblioteca Juracy Magalhães Júnior, em Itaparica.

Figura 7



Os Guarany's no 7 de Janeiro de 1939. Itaparica.  
Fonte: Acervo da Fundação Instituto Feminino da Bahia - Brasil

Todos os itaparicanos idosos a quem se mostrou a fotografia acima dizem que Eduardo deve ser um dos caboclos postados aí. Entretanto...

É difícil saber assim de um por um, porque as feições são parecidas e o retrato já ficou meio esfumado. Se o senhor for reparar, todo caboclo se parece, não é não? Mas não se preocupe, se ele não estiver aí entre esses caboclos, ele estava na hora, porque ele comandava tudo. Tudo vinha da cabeça dele, era muito respeitado” (C.G.P., 83 anos, 2008).

Neste registro, vê-se nitidamente a indumentária de penas dos caboclos, uma lança em mãos de um deles, o arco e a flecha em mãos de três deles, o figurino especial da rainha, os atabaques e o estandarte.

Não encontrei informação contrária no que concerne à data da fundação dos Guarany's. 1939 é compatível com o depoimento de Dona Maria da Hora, que tomo aqui

como contraponto. Trata-se de uma mulher que vendia rolete de cana, cocada e apanã<sup>8</sup> no cais do navio. Foi a informante mais idosa que encontrei:

Eu conhecia Eduardo daqui mesmo de Itaparica. Ele era escuro, mas o cabelo dele não era muito duro não. Quando eu saí daqui prá trabalhar em casa de família em Salvador [cerca de 1937], não tinha esse negócio do caboclo. Foi depois. Quando eu voltei prá cá, então já encontrei. Foi no ano que o Brasil entrou na guerra. O presidente era Getúlio, o povo gostava muito dele. Eu não tenho mais as feições de Eduardo. Só me lembro de ver ele passando com os outros caboclos ali no Campo Formoso, era uma coisa muito bonita aqui em Itaparica (M.H.B.S, 89 anos, 26.05.2008).

Um ponto que chama a atenção no relato de Dona Maria da Hora é que Eduardo corresponde ao fenótipo do cabo verde...

Nas suas primeiras décadas de existência, o cordão dos caboclos se apresentava na Festa de Itaparica como um entre outros grupos. Seu destaque era o auto da Roubada da Rainha. Quem se fazia mais notar no acompanhamento do carro do Caboclo eram as filarmônicas, sempre logo atrás. À frente do carro, vinham moradores entusiastas da Festa, como se pode observar nas fotografias acima.

Com o crescimento ao longo das décadas, o cordão passou a preceder o carro do Caboclo nos dias 7 e 9 de Janeiro. Alguns componentes dos Guarany's dizem que, a partir dos anos 60, começaram a se apresentar também na Festa do 2 de Julho em Salvador, já sem o Caboclo Eduardo. Com efeito, edições dos periódicos *A Tarde*, *Jornal da Bahia* e *Estado da Bahia* noticiam a participação dos Guarany's tanto no cortejo do 2 de Julho como no bando anunciador.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Pão feito com farinha de trigo e coco.

<sup>9</sup> Agradeço a Fábio Baldaia a indicação dessas fontes.

Figura 8



Os Guarany's no bando anunciador do 2 de julho. Salvador.

Fonte: *A Tarde*, 30.junho.1962, p. 5.

Não foi possível encontrar outras informações consistentes sobre a participação dos Guarany's na Festa de Itaparica até os anos 70. Algumas edições fazem afirmações genéricas, informando que a festa teria contado com a participação de uma “alegre e animada multidão”. Algumas notícias parecem reedições de *releases* reeditados, com informações contidas em livros didáticos sobre a Independência da Bahia. É curioso que o jornal *A Tarde*, mesmo quando não se refere aos caboclos do grupo Os Guarany's, registra sua presença em fotografias em frente e ao lado do carro do Caboclo. As emissoras de televisão não guardam imagens desse período.

Quanto à participação dos Guarany's na Festa do 2 de Julho, em Salvador, há notícias abundantes, o que leva a crer que o comparecimento se normalizou sem problemas. Não encontrei notícias do bando anunciador dessa Festa a partir dos anos 70.

Figura 9



Os Guarany's no 2 de Julho de 2008. Salvador.

Fotografia: Carolina Ruiz de Macêdo.

O itaparicano João Ubaldo Ribeiro, apesar de ter se referido abundantemente aos caboclos da ilha em seus romances, aproximou a lente sobre o Caboclo da Festa de Itaparica apenas no seu último livro, *O Albatroz Azul*.

Qual era o símbolo da vitória da Liberdade? Era o caboclo do Sete de Janeiro, que todo ano desfila em seu galhardo carro-pedestal Rua Direita acima, alanceando a serpente da opressão portuguesa. Como é cingida a cabeça do caboclo? Com um cocar de penas coloridas, coroa do imperador de todos os hinos guerreiros, penas de combate, penas fortes, Penaforte, Raymundo Penaforte<sup>10</sup>. (RIBEIRO, 2009, p. 29).

<sup>10</sup> Raymundo Penaforte é o nome do personagem central do romance e do santo do dia 7 de janeiro no calendário católico.

Figura 10



O Caboclo Tupinambá ornado de penas. Itaparica, 2014.

Fotografia: Milton Moura.

Durante algum tempo, busquei nos arquivos da Prefeitura de Itaparica algum documento que pudesse trazer alguma informação sobre os Guarany's, algo assim como uma solicitação para que se armassem as gambiarras<sup>11</sup> ou se preparasse o local de apresentação do auto da Roubada da Rainha. Não tive sucesso, mas de certa forma isto seria previsível, conforme me disse uma senhora:

<sup>11</sup> Equipamento composto de fiação elétrica e muitas lâmpadas para uso efêmero. De fácil instalação, costuma ser utilizado em festas populares.

Por que o senhor perde seu tempo procurando uma coisa escrita sobre os caboclos no 7 de Janeiro? Todo mundo sabe que esse dia é do Caboclo e das coisas dele. E os caboclos dos Guarany's são dessa Festa. O Prefeito sabe, os secretários, os funcionários todos sabem. Não precisava escrever nada. Chegando o dia dele, se fazia. Mesmo quando o Prefeito é protestante se faz o cercado da aldeia, porque mais importante do que ele é o Caboclo. E depois, nem todo mundo dos caboclos naquele tempo sabia ler. Bastava combinar na Prefeitura e pronto (J.S.P., 71 anos, 24.01.2007).

Segundo Fábio Baldaia (2015), o grupo logrou atravessar as décadas em virtude de sua capacidade de institucionalização, alcançando uma regularidade de condutas e normas e angariando sempre novos componentes entre crianças, adolescentes e jovens. O autor destaca também a competência do grupo no sentido de participar da Festa do 2 de Julho em Salvador e manter interlocução com órgãos governamentais, bem como entidades da sociedade civil e a universidade.

Em suma, o grupo *Os Guarany's* articulou elementos cívicos, religiosos, artísticos e étnicos disponíveis no âmbito de uma cultura popular, especialmente relacionados à figura do Caboclo, e viabilizaram uma manifestação ativa por mais de sete décadas. Configuraram uma performance no campo da festa do 7 de Janeiro de Itaparica que pode ser descrita como uma outra interpretação da história, uma outra brasilidade representada... (BALDAIA, 2015, p. 103).

Não é difícil encontrar itaparicanos letrados que interpretam a história da cidade a partir dos elementos ritualizados na Festa do 7 de Janeiro. Isto se observa inclusive entre os mais jovens. Vejamos este depoimento de um aluno de escola pública que atuou num auto promovido pela Prefeitura, em janeiro de 2006: “Ser itaparicano é ser cultural. A cultura de Itaparica é nossa riqueza. Se não fosse a luta do povo de Itaparica, a Bahia não tinha independência” (J.G.L.F., 17 anos, 27.10.2006).

E eis o que diz o Presidente do Grupo, Emanuel Pita de Brito:

Quando eu me visto de caboclo, canto aquelas cantigas e danço aquelas danças, eu me sinto o Caboclo Tupinambá, me sinto o Caboclo de Itaparica. Tenho muito orgulho

disso e acho isso uma riqueza muito grande. As pessoas deviam reparar mais nisso (E.P.B, 34 anos, 18.01.2007).

Esta pode ser tomada como a principal criação do Caboclo Eduardo, que combinou elementos de diversas origens num auto que costuma chamar a atenção pelo hibridismo. Seria uma síntese? uma fusão? uma interface integradora? Se aceitamos a explicação dos mais velhos componentes dos Guarany's de que "estava tudo na cabeça dele", podemos afirmar que negociou, na sua atuação criativa, a compatibilização de elementos bem diferenciados de música, coreografia, culinária, adereços, etc. Durante o auto, aparece nitidamente a importância da caça na economia indígena, o recurso às divindades da mata e a Nossa Senhora, a assimilação de práticas de origem africana e a ameaça do contato com os não-indígenas (na figura do Capitão-do-Mato). A rainha se veste como uma personagem de destaque que se pode ver em ternos de reis, com um vestido claro bordado com motivos indígenas e um manto azul ornado de estrelas, portando uma coroa e um cetro. Algumas peças musicais parecem benditos do novenário tradicional popular; outras se aproximam ou coincidem com os pontos de Candomblé de Caboclo.

O *Hino dos Guarany's* merece uma nota. Sua melodia é muito próxima daquela de um trecho da ópera *O Guarani*, estreada por Carlos Gomes em 1870. Onde o Caboclo Eduardo teria aprendido isto? É menos provável que em Itaparica do que em Nazaré das Farinhas ou outra cidade do Recôncavo, como Cachoeira, Maragogipe ou São Félix, onde havia diversas filarmônicas nesse período, algumas delas atuando até nossos dias. É possível que os velhos itaparicanos que o conheceram estejam situando no seu curto período em Nazaré tudo que pareceria improvável que ele pudesse captar ou criar na própria Itaparica. Permanece o mistério, mas qualquer conhecedor do *Canto do Índio* reconhece que boa parte de seus compassos está presente no *Hino dos Guarany's*.

A pesquisadora de cultura popular Célia Gomes (1995) relata cuidadosamente a diversidade de folguedos em Itaparica, sendo notável a quantidade de grupos de reisado em diversos pontos da ilha, alguns deles bem próximos da cidade de Itaparica ou aí mesmo situados. A partir de seus registros sobre os diversos folguedos em vários pontos da ilha e das recordações de moradores idosos, é possível perceber que a montagem da Roubada da Rainha também assimilou elementos de festas locais, como a passagem do bando anunciador.

Nos primeiros dias do ano, saía o Bando Anunciador. Eles vinham a cavalo. Aí eles paravam num lugar e enterravam um pau com um dístico. Nesse lugar que eles enterravam o dístico, ali todo mundo sabia que ia ser a aldeia para a Roubada da Rainha (J.S.P., 71 anos, 24.01.2007).

O trecho de Ubaldo Osório citado algumas páginas acima se refere ao enterramento do dístico. Enfim, muitos elementos poderiam ser assimilados e trocados na própria ilha ou nas cidades vizinhas. Quem sabe uma filarmônica divulgou um trecho de *O Guarani* em algum desses ambientes. Uma pesquisa sobre a história dessas orquestras poderia lançar luz sobre este ponto obscuro de nossa investigação.

Os observadores externos não se voltaram para este item. Na década de 1940, Renato Almeida se reporta a dados da Secretaria da Educação do estado da Bahia e escreve o seguinte comentário:

Embora a forma externa do auto seja ameríndia, a mistura afro-brasileira é sensível, não só na música como em certas reminiscências dos reinados negros, bem assim do Capitão do Mato apresentado como inimigo, e que talvez se refira aos temíveis preadores de índios. Em todo caso, é sincretismo muito explicável, por se tratar de folguedo do Recôncavo Baiano, a zona de maior influência africana no Brasil, pois este bailado se faz na Cidade de Itaparica. (ALMEIDA, 1942, 275).

É com a Etnomusicologia que se trava outra vertente da nossa interlocução. Trata-se inicialmente de Maria da Conceição Perrone (1995), que sugere a aproximação entre a encenação de Itaparica e a dos *Caboclinhos* – ou *Cabocolinhos* –, presentes em diversas áreas do Brasil, como Pernambuco e Paraíba. Com efeito, alguns nomes que integram a encenação se encontram também em folguedos e rituais religiosos no Pará e no Maranhão, como *Caboclo Mestre*, equivalente ao genérico *cacique*. Entretanto, uma observação mais cuidadosa da própria música dos caboclinhos de Pernambuco e Paraíba pode levar à constatação de uma distância considerável entre os padrões musicológicos da Roubada da Rainha e das apresentações desses Caboclinhos, em que os instrumentos de sopro são tão importantes quanto os tambores e não há propriamente um roteiro qual um enredo. A própria expedição de Mário de Andrade (2006) registrou diversas peças, em 1939, chamadas *Cabocolinhos* nesses estados; trata-se de formas musicais bem distintas daquelas observadas em Itaparica.

O trabalho mais consistente sobre os Caboclinhos do Recife e da Zona da Mata de Pernambuco é de Climério de Oliveira Santos (2009), com amplo material fotográfico e sonoro, constituindo-se num documento fundamental para o estudo desta tradição no contexto do Carnaval pernambucano. Percebe-se que, nessa vertente das manifestações festivas relacionadas aos caboclos, a influência da percussão de origem africana e associada ao mundo do Candomblé de Caboclo é muito discreta.<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Isto não significa que os Caboclinhos da Zona da Mata pernambucana não tenham interseções com o culto aos Caboclos. Esta observação se refere à diferença observada nas formas

Mais recentemente, esta discussão vem se estabelecendo também por Sônia Chada, (2006) que abordou os rituais de caboclo como radicalmente sincréticos, propondo como explicação de sua especificidade justamente sua capacidade de interfiliar diversas origens e linguagens.

Aproximando-nos da conclusão do presente artigo, voltemos à reflexão sobre o perfil do nosso herói.

### **Seria Eduardo o próprio Caboclo?**

Para os componentes mais velhos dos Guarany's, haver conhecido o Caboclo Eduardo é um fator de distinção. Não deixa de chamar a atenção do pesquisador a unanimidade que se construiu em torno de seu perfil. Seriam mesmo “lembranças” todas estas narrativas sobre o fundador dos Guarany's? Seriam também um modo de participar de uma narrativa consolidada sobre a formação e permanência do coletivo? Podemos dizer que tanto o Caboclo Eduardo gozava realmente do reconhecimento e admiração de muitos como a própria remissão a este caráter luminoso confere legitimidade a quem o faz. Isto parece ser o que distingue as primeiras gerações dos Guarany's daquelas que vieram em seguida.

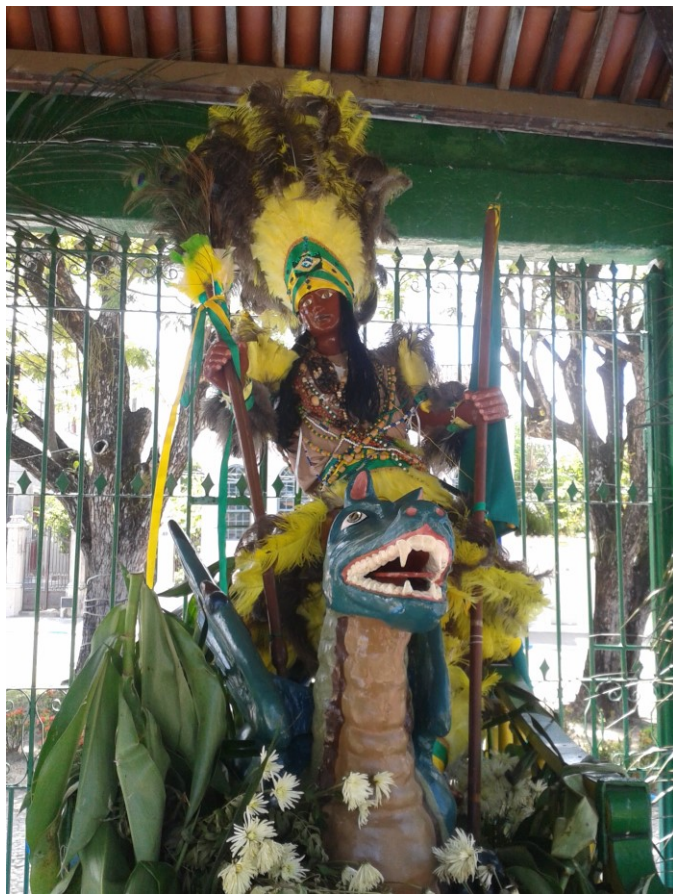
Eu era menino quando conheci ele. Quando eu entrei no cordão, ele já não estava mais, mas eu me lembro perfeitamente dele. Ele batia em quem errava no ensaio. Não era muito não, batia prá ensinar, pro caboclo prestar atenção e aprender. Ensaia num lugar aqui por perto, no mato, prá ninguém ficar olhando. O senhor sabe como são essas coisas de caboclo. Ele era muito sério e tinha muita autoridade (H.S.L., 67 anos, 27.outubro.2007).

Um depoimento bem diferente é este outro: “Infelizmente não conheci. Quando eu entrei, ele já tinha alguns anos que ninguém via, mas sempre eu ouvia falar, era uma pessoa importante” (N.A.C., 52 anos, 26.outubro.2007). O que unifica estas posições é a remissão a Eduardo como a um fundamento.

---

coreográficas, musicais, cênicas e plásticas das manifestações entre o que é verificado em Pernambuco e Itaparica.

Figura 11



O Caboclo Tupinambá na Festa de Itaparica de 2014.

Fotografia: Milton Moura

Um morador octogenário afirma ter Eduardo morrido em Itaparica mesmo. “Morreu e se enterrou aqui, sim, senhor”. Outros o direcionam de volta a Nazaré. “Ele voltou prá lá e não veio mais aqui. Deve ter morrido por lá mesmo, pois a mulher dele era de lá” (A.A.J, 76 anos, 15.03.2005). Outros dizem que foi visto pela última vez em Salvador. “Estava lá na Bahia. Deve ter morrido por lá, então” (M.V.S., 73 anos, 27.10.2007).

O próprio Orlando Rosa, líder dos *Guaranys* por muitos anos, sustentava sozinho uma quarta versão: “Soube que morreu em Feira de Santana, depois de ter se

convertido à religião protestante”. E acrescenta, sorridente: “Será que não foi? Todo mundo hoje pode se converter em protestante, aqui em Itaparica tem uma porção” (depoimento diversas vezes reiterado até 2010). O próprio Orlando dizia-se convertido ao protestantismo, embora de vez em quando mandasse pedir alguma peça da vestimenta ou adereço dos Guarany's para fazer-se fotografar, às vezes juntamente com os netos, como alguém do cordão.

Afinal, por que o herói da fundação de um grupo tão importante na construção da narrativa identitária de Itaparica haveria de morrer uma vez só e em um só lugar? A quase unanimidade sobre sua importância e seu carisma, inclusive sobre os contornos de sua figura física, não tem contrapartida no relato sobre seu desaparecimento... A figura misteriosa do Caboclo parece se realizar na multiplicidade de breves narrativas sobre sua morte.

Por sua vez, nem todos os jovens consideram o Caboclo Eduardo como herói ou referência. Não lhes parece problemático ou curioso que tenha desaparecido misteriosamente. Para a maioria destes jovens e adolescentes, participar dos Guarany's é uma estratégia prazerosa no sentido de se afirmar como mestiço, como negro, como índio – enfim, como um não-branco – que desperta admiração entre os outros do mesmo meio e entre os visitantes e turistas, além de criar vínculos de amizade e camaradagem com os outros rapazes do mesmo cordão.

Figura 12



Pormenor da indumentária do Caboclo Tupinambá. Itaparica, 2015.

Fotografia: Milton Moura

No início deste artigo, referia-me à conceituação de Chartier no que diz respeito ao desempenho em campos específicos, bem como às ideias de Bhabha no que concerne à diferença cultural. Espero ter levado ao leitor motivos para concordar com a afirmação de que o Caboclo Eduardo é o autor principal e (literalmente) original de uma estratégia de legitimação da narrativa identitária do Caboclo. Apropriou-se do espaço vizinho àquele do Caboclo Tupinambá, acrescentando elementos à Festa de Itaparica, transformando esta festa mediante uma simbiose. A participação dos Guaranys na Festa do 2 de Julho em Salvador comprova o prestígio alcançado inteligentemente pelos Caboclos de Itaparica, como também são chamados.

Isto nem de longe significa que não tenham encontrado desafios e dificuldades no processo de legitimação de seu perfil. Pelo contrário. Souberam agir como o caboclo que, deslizando pelos interstícios encontrados entre as arestas de mundos tão diferentes, transita de modo flexível, múltiplo, criativo, a ponto de aportar elementos ao deus nativo de Itaparica e dele absorver forças para prosseguir. O Caboclo de Itaparica e o grupo Os Guaranys são hoje indissociáveis, com as bênçãos dos espíritos da mata, do Senhor do Bonfim, de Santo Antônio dos Navegantes e de Nossa Senhora.

Às vezes, tenho a impressão de que é quase inacreditável a existência de alguém tão diferenciado na Itaparica da primeira metade do século XX. Disso me dissuadem os velhos itaparicanos que conheceram o Caboclo Eduardo: “Como ele deve ter muitos. A gente é que não conhece. Muitos estão por aí inventando coisas, só que umas dão certo, outras não dão” (J.H.B., 72 anos, 23.02.2015).

A última vez que estive em Itaparica, uma velha nativa que o conheceu me chamou e disse: “O senhor não queria saber como era o Caboclo Eduardo? Pois então. Tá vendo aquele homem que vai dobrando ali como quem vai para a rua Direta? Pois é ver ele. Ele era aquilo ali, talvez um pouco mais forte”. (J.S.P., 80 anos, 06.01.2016).

## Referências

- ALBUQUERQUE, Wlamyra R de. Santos, Deuses e Heróis nas Ruas da Bahia: identidade cultural na Primeira República. *Afro-Ásia* n. 18, Salvador: UFBA/CEAO, 1996, p. 103-124.
- \_\_\_\_\_. *Algaçarra nas ruas. Comemorações da Independência da Bahia. (1889-1923)*. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999.
- ALMEIDA, Renato. *História da Música Brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 2 ed ver. aum. 1942.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. por Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- ANDRADE, Mário de. *Missão de Pesquisas Folclóricas*. São Paulo: Serviço Social do Comércio / Prefeitura da Cidade de São Paulo / Secretaria Municipal de Cultura / Centro Cultural São Paulo, 2006.

- ARNIZÁU, José Joaquim de Almeida e Arnizáu. *Memória Topográfica, Histórica, Comercial e Política da Vila da Cachoeira ad Província da Bahia*. Salvador: Fundação Maria América da Cruz : Instituto Histórico e Geográfico da Bahia : Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1998.
- BALDAIA, Fábio. “Abre-te, Campo Formoso”: uma análise dos festejos da Independência de Itaparica – BAIANA através da trajetória do Grupo Os Guaranys. In: TAVARES, Fátima; BASSI, Francesca (org.). *Festas na Bahia de Todos os Santos*: visibilizando diversidades, territórios, sociabilidades. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 81-104.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. Reis & Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte : Ed. UFMG, 1998. Capítulo. 8: Disseminação. O tempo, a narrativa e as margens da nação moderna, p. 198-238.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Editora Bertrand Brasil, 1989 . Capítulo III: A gênese dos conceitos de habitus e de campo, p. 59-73.
- CHADA, Sônia. *A Música dos Caboclos nos Candomblés Baianos*. São Paulo: Fundação Gregório de Mattos: EDUFBA, 2006.
- \_\_\_\_\_. *À beira da falésia: a História entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre; Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.) *Entre-vistas*. Abordagens e usos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- GOMES, Célia C. Sacramento. *Teatralidade e Performance Ritual dos Folguedos da Ilha de Itaparica*. Salvador: Carlos Maguari, 2004.
- KRAAY, Hendrick. Entre o Brasil e a Bahia: as comemorações do Dois de Julho em Salvador no século XIX. Afro-Ásia. Salvador: Mestrado em História n. 23, 2000, p. 49-87.
- \_\_\_\_\_. “Frio como a pedra de que se há de compor”: caboclos e monumentos na comemoração da Independência na Bahia, 1780-1900. *Tempo*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, 2003, p. 51-81.
- OSÓRIO, Ubaldo. *A Ilha de Itaparica: história e tradição*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 4 ed., 1979.
- PARÉS, Luís Nicolau. O processo de “nagoização” no Candomblé baiano. In: BELLINI, Lígia et al. *Formas de crer*. Ensaios de história religiosa do mundo luso-afro-brasileiro, séculos XIV-XXI. Salvador: EDUFBA, 2006, p. 299-329.
- NÓBREGA, Bernardino Ferreira. *Epopéia Itaparicana*: memória histórica sobre as vitórias alcançadas pelos itaparicanos no decurso da campanha da Bahia, quando o Brasil proclamou sua independência. Lauro de Freitas, Bahia: Livro.com, 2013. Coleção Tempo Antigo: Memórias da História Bahiana, v. 3.
- PERRONE, Maria da Conceição Costa. *Os Caboclos de Itaparica*. História, música e simbolismo. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música, UFBA, 1995.
- PRANDI, Reginaldo. *Encantaria Brasileira*. O livro dos Mestres, Caboclos e Encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

- 
- PRINS, Gwin. História Oral. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História*. Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
- QUERINO, Manuel. *A Bahia de outrora*. Salvador: Livraria Progresso, 1946.
- RABELO, Miriam. *Enredos, feitura e modos de cuidado*. Dimensões da vida e da convivência no candomblé. Salvador: EDUFBA, 2014.
- RENAN, Ernest. What is a nation? In: BHABHA, Homi (org.). *Nation and narration*. London e New York: Routledge, 1990, p. 8-22.
- RIBEIRO, João Ubaldo. *O Albatroz Azul*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- SANTOS, Jocélio Teles dos. *O Dono da Terra*. O caboclo nos candomblés da Bahia. Salvador: SarahLetras, 1995.
- SANTOS, Clímério de Oliveira. *Batuque book: caboclinho*. Trad. Peter Malcolm Keays. Recife: Ed. dos Autores, 2009. Coleção Batuque book - Pernambuco, v. 2.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- WACQUANT, Loïc. Mapear o campo artístico. In: *Sociologia, Problemas e Práticas* n. 48, Lisboa, 2005, p. 117-123.